

MULHER NEGRA, MEMÓRIA E AS BARREIRAS NA CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PROFISSIONAL

Doraneí Alves*

Resumo

As memórias nos reportam a vivências e experiências importantes e às vezes traumáticas em nossas vidas. Cursar a disciplina: Gênero e Memória do Mestrado em Estudos sobre Mulheres, Gênero e Feminismos me fez lembrar o processo de formação do meu Projeto Profissional, os desafios para ingresso e permanência no espaço acadêmico, enquanto mulher negra, que compartilho neste artigo.

Palavras-Chave: mulher negra, memória, racismo, projeto profissional.

Abstract

Memories tell us about important and sometimes traumatic experiences and experiences in our lives. Studying the subject: Gender and Memory of the Master's Degree in Studies on Women, Gender and Feminisms made me remember the process of forming my Professional Project, the challenges of entering and staying in the academic space, as a black woman, which I share in this article.

Keywords: black woman, memory, racism, professional project.

* Assistente Social. mestra e doutoranda em Estudos sobre Mulheres. Gênero e Feminismos – PPGNEIM/UFBA.

Introdução

Esse texto se propõe a refletir sobre as barreiras para construção de um projeto profissional e principalmente o quanto a representação ou não das profissões consideradas de maior prestígio social e econômico interferem no modelo mental e consequentemente na idealização deste tipo de projeto para mulheres negras, inclusive tornando-se muitas vezes barreiras para se seguir carreiras que historicamente estiveram distantes da realidade familiar, de amizade e/ou comunitária deste indivíduo. O exercício de reflexão sobre minha trajetória profissional enquanto projeto coletivo aponta que:

Embora o homem só possa ter memórias de seu passado enquanto ser social, a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva e este ponto de vista varia de acordo com o sentimento de realidade, dado pelo lugar que o indivíduo ocupa nas relações sociais. São os quadros sociais de memórias do grupo social que darão as referências aos indivíduos. (HALBWACHS, 1989 apud BARROS, 2011, p.11)

Nesse pensar, precisei me perguntar: quais foram as minhas referências? Qual a importância delas? Para tanto precisei voltar no tempo, ou seja, rememorar e unir as lembranças. Enquanto mulher negra de quarenta anos, filha mais velha de um casal de mulher e homem negro/o e integrante de uma família de sete irmãos.

Pensar meus pais enquanto referências profissionais me faz lembrar as narrativas de minha mãe que sempre nos contou que começou a trabalhar com sete anos de idade nas “casas dos brancos” (empregada doméstica) e que na época precisava do auxílio de um banquinho para alcançar a altura da pia de pratos, tão pequena que era. Uma mulher que lutou a vida toda pela sobrevivência e que nos conta que quando cansou de sofrer, decidiu trabalhar para “si própria”.

Neste novo momento da sua vida, quando passou a trabalhar “por conta” com vendas diretas de roupas, frutas, milho assado, mingau, comida e, assim, sustentou seus filhos, principalmente como baiana de acarajé, foram muitos anos nessa labuta. Já meu pai trabalhou grande parte da sua existência como torneiro mecânico e começou, também muito cedo, pois era filho único e ficou órfão de pai e mãe, ainda criança. Vale chamar a atenção que os trabalhos de ambos exigiam a

participação de todas/os filhas/os que eram envolvidos desde muito cedo nos processos de trabalho familiar.

Fazendo a releitura e a interlocução do passado dos meus pais com a construção mental de seus filhos e consequentemente o projeto de vida e profissional dos mesmos, isso me faz rememorar uma pergunta que permeou nossa convivência enquanto família: O que você quer ser quando crescer? A minha resposta e a dos meus irmãos eram diversificadas, professora, policial, motorista, jogador, dentre outras profissões.

Outro aspecto importante para reativar na memória é que na família de minha mãe, sendo a mais próxima da nossa convivência, formada por minha avó, onze filhos e muitos netos, até o início de minha adolescência, a maior escolaridade presente entre os familiares era o ensino médio completo, algum através do conhecido curso supletivo. Segundo explica Barros (2011, p. 11): “A memória individual é dependente assim, do lugar de onde se narra as lembranças”.

Representatividade importa

A partir deste tópico dialogarei com minha memória e registros das lembranças no caminhar de uma trajetória de luta para trilhar um caminho profissional diferente do que a realidade ditava. Neste sentido, algumas frases marcaram minha história, como por exemplo: “minha filha vai ser doutora”, meu pai sempre me dizia isso o que de certa forma contribuiu sim no enfrentamento daquela realidade, nem sempre tive essa consciência, mas hoje fazendo uma leitura de forma mais crítica identifico sua influência. Neste sentido, Barros (2011, p.13) nos lembra de que “... a narrativa tem densidades diferenciadas em função do momento em que se relata a trajetória, das desigualdades de gênero e de classe”.

Os percalços entre os sonhos e a realidade permearam toda a trajetória. Primeiramente como aluna de escola pública do bairro onde nasci e até hoje moro, pensava em cursar o ensino médio em uma escola que me desse a oportunidade de ingressar com mais facilidade no mercado de trabalho. Para tanto, a escola que se aproximava dessa perspectiva era a conhecida “Escola Técnica”, atualmente o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). Estudar na citada escola representava o meu desejo de estudar e ter um bom

emprego, ou seja, o sonho em mudar de vida. E as barreiras?

Para estudar na escola técnica tinha que atender as exigências de um imaginário social que ditava: tinha que ser “CDF”, o mais estudioso, o mais inteligente, ótimo nas disciplinas exatas etc. Essas qualidades funcionavam como uma primeira barreira, ou seja, eu era considerada uma aluna esforçada, mas nada que chegasse perto do exigido.

Tinha em mente que com meu esforço, estudando muito, poderia conseguir. Ainda em relação ao sonho me deparava com outras barreiras ligadas ao tempo para estudar, pois era obrigada a dividir meu tempo com os afazeres domésticos, cuidar dos irmãos e ainda ajudar nos preparativos das mercadorias que minha mãe vendia, ou seja, a dedicação aos estudos ficava comprometida. Referente a esta parte da realidade comecei a vivenciar a divisão sexual do trabalho muito cedo e era obrigada a assumir o trabalho reprodutivo diariamente. Segundo Passos (s/d, p.07), “a divisão sexual do trabalho coloca a mulher como responsável pelo trabalho reprodutivo, pelas atividades domésticas...”.

Fica evidente que as condições sociais, econômicas e familiares interferem diretamente na elaboração de um projeto profissional que extrapole aquela realidade vivenciada pelo indivíduo. Continuando o diálogo com minha trajetória, tentei por duas vezes a seleção na escola técnica, sem êxito. Assim, resolvi trilhar outro caminho e participar da seleção para a Fundação Bradesco de Salvador, para a qual meu status de aluna esforçada e os conhecimentos adquiridos com os estudos preparatórios para as seleções passadas me possibilitaram a aprovação.

Durante quatro anos estudei na Fundação Bradesco, uma trajetória de luta subumana para conciliar todas as responsabilidades e dificuldades nos estudos, momentos em que percebi o quanto a formação do ensino fundamental na escola pública do bairro foi falha, quantos assuntos deixaram de ser dados etc. Para além de todas as dificuldades, consegui concluir o ensino médio.

Uma etapa vencida e entraves para superar em minha trajetória. O dilema agora seria continuar seguindo o sonho de estudar ou responder à realidade que gritava

pela necessidade de trabalhar para sobreviver? Na contramão do sonho, decidi por trabalhar e assim passei dez anos de minha vida totalmente voltada ao trabalho. Qual a minha área de atuação? Operadora de caixa, fiscal de caixa e vendedora.

Mesmo em uma realidade totalmente diferente da que pensei em projetar, os sonhos de ter uma vida melhor continuavam vivos e após ter meu filho, aos vinte e dois anos, decidi voltar a estudar e perseguir o Projeto Profissional, agora com um curso de nível superior, uma graduação. Naquela época, a irmã mais velha de minha mãe foi a primeira mulher da família a se graduar em Biologia.

Vale ressaltar, que mesmo dialogando sobre um possível projeto profissional, neste momento, ele ganha sentido através de minha narrativa sobre meu passado e na possibilidade de articulá-lo com a atualidade e a efetivação de um projeto, hoje mais bem desenhado. E para fundamentarmos nas palavras de Barros.

Se tomarmos a própria noção de projeto (Velho, 1981), vemos que a questão da narrativa da trajetória do indivíduo já é, desde o início, definidora do próprio projeto, embora não seja formulado exatamente nestes termos originalmente é, para existência do projeto há a necessidade de sua comunicação e na sua formulação, desenvolve-se uma narrativa de coerência em uma trajetória de vida fragmentada, portanto de uma vida já vivida e reorganizada neste momento para dar sentido ao projeto e mesmo, em algum grau, apontar para a possibilidade de efetivação. (BARROS, 2011, p.11).

Nessas bases sigo a narrativa de minha trajetória, articulando-a com meus registros de memórias do passado e com cada etapa da formulação do projeto profissional, ora apresentado. E as barreiras? Digo que elegerei as principais e os acontecimentos marcantes em minha história, exatamente por não dar conta dos diversos aspectos imbricados nesse trajeto de vida percorrido.

Barreiras para um projeto profissional

Retomando a pergunta da infância: o que você quer ser quando crescer? Na época da escolha da graduação, não tinha essa resposta com clareza, pois a resposta da infância já não se apresentava como viável, principalmente por conta da realidade social na qual estava inserida, bem como, o imaginário social,

inclusive, de algumas pessoas da família que insistiam em reforçar minha imagem como baiana de acarajé ou as experiências profissionais construídas até o momento, apontavam que por ser uma boa vendedora, deveria continuar nesta área ou áreas afins, ligadas ao comércio, ou seja, nada próximo do que imaginava para minha vida.

Um aspecto que considero muitíssimo importante neste processo de revisita às minhas memórias e detalhamento das experiências enquanto trajetória de vida é também pontuar a força deste meu caminhar, sempre na contramão do pré-estabelecido pela sociedade. Neste sentido, lembro que ouvia muito das pessoas: “você tem muito tempo sem estudar”, “vai precisar fazer um cursinho” e, diante da realidade, não existiam condições financeiras para frequentar o tão necessário cursinho. Na corrente de enfrentamento da situação desfavorável, sempre existia uma estratégia para ultrapassar as barreiras, neste caso foi construir uma forma particular de preparação para o vestibular, que foi desde reunir módulos utilizados por amigas/os que faziam cursinho para leitura diária, até assistir programas de televisão como o programa Aprovado¹. Identificar esses aspectos é importante na reconstrução da memória, como reforça Souza (2013, p. 57), ao citar Portelli (1997), para quem “a memória é um processo individual que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”.

Então vamos lá, qual a graduação que desejava cursar? Inicialmente pensava em prestar vestibular para o curso de Administração para desempenhar atividades administrativas, em horários comerciais, ou seja, fugir do trabalho braçal, das exaustivas cargas horárias etc. Depois passei a vislumbrar a possibilidade de cursar Letras. Enfim, foram muitas tentativas para muitas barreiras, uma delas, hoje reconheço como uma das principais, a questão da não representatividade profissional na família e ou em redes próximas. Como nos alertou a professora Delgado (2010, p.201), “... as representações mostram-se como formas distintas de elaborar o curso da vida”.

Depois de pesquisar muito sobre uma profissão que se adequasse à minha realidade de vida e significasse a possibilidade de ascensão profissional, econômica e social, optei por cursar Serviço Social. Esta escolha teve vários elementos motivadores que não apenas os já expostos, como por exemplo, a resposta à não aprovação nas tentativas das Universidades Públicas, bem como, a possibilidade de conquistar uma bolsa de estudos em uma Universidade considerada filantrópica como era o caso da Universidade Católica do Salvador.

Enfim, no ano de dois mil e quatro torno-me graduanda em Serviço Social na Universidade Católica do Salvador. Foram quatro anos de muitos aprendizados, dificuldades, mas também conquistas. Posso afirmar que o relato dessa memória e registros dessa época dariam um livro, porém, para atender o objetivo deste trabalho, pontuarei apenas alguns pontos dessa trajetória.

Projeto profissional e vida acadêmica

O alcance de um dos objetivos mais altos do meu projeto profissional seguia em uma direção não traçada conforme desejado inicialmente, mas com grande grau de realização para uma família negra que contava dentre as suas três gerações, agora com duas mulheres acadêmicas: Como já citado, uma bióloga e, agora, uma graduanda em Serviço Social.

Como já imaginado foi um período com muitos obstáculos e um tempo onde convivi com maior intensidade violências diversas, que posso aqui, até confessar que não tinha dimensão da situação. Com o passar do tempo e amadurecimento teórico, político e social foi que passei a me dar conta de que estava simplesmente sentindo a força das correntes do racismo. Nesta reconstrução da memória, autoras como Grada Kolomba (2016, p.2) nos alerta que “[...] a academia não é um espaço neutro, nem simplesmente um espaço de conhecimento e inteligência, de ciência e compreensão; a academia é também um espaço de violência”.

Mesmo só tendo a consciência dos aspectos do racismo institucionalizado com o amadurecimento político com o passar dos anos, ainda hoje, é doloroso lembrar

¹ Programa exibido durante 17 anos pela TV Bahia, afiliada da Rede Globo, nas manhãs de sábado, até setembro de 2017.

aquelas experiências. Para aprofundarmos o nosso entendimento sobre as situações vividas e o nosso diálogo teórico, vamos revisitar o conceito de Racismo, segundo o Prof. Kabengele Munanga (2003, p.8), “o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural”, muitas vezes essa relação se materializou no cotidiano ao longo da minha passagem pela academia.

Para além do racismo presente nas estruturas institucionais, conteúdos valorizados nesses espaços, relações sociais hierarquizadas a partir do gênero e da raça a classe era definidora de barreiras em minha vida acadêmica, dentre outras questões apresentando limites financeiros, falta de recursos para necessidades básicas, falta de acesso a equipamentos necessários para realização dos trabalhos etc. Mesmo diante dessas limitações, reafirmo com toda certeza de que esses não foram os maiores problemas, pois a falta de condição financeira faz parte de nossas vidas, desde sempre, aprendemos a enfrentá-la. Reafirmo que para mim essas dificuldades eram molas motivadoras para meu projeto profissional, já que tinha nele a possibilidade de ascender socialmente e, portanto, economicamente.

Porém, as barreiras do racismo sempre tiveram o poder de retardar e/ou em alguns momentos, paralisar meu projeto profissional, aqui em questão. Vou trazer apenas um exemplo dessas experiências que foram dolorosas, mas novamente digo que neste processo de reativação da memória, esse serviu como elemento impulsionador na efetivação do Projeto Profissional, mas com a consciência que para muitas/os mulheres e homens negras/os o racismo pode representar um elemento destruidor de sonhos e objetivos.

Na busca por conhecimento, resolvi participar de um grupo de pesquisa e em um dos trabalhos acadêmicos que foi passado para o coletivo de alunas, vale ressaltar que eu era a única negra, no momento da entrega do mesmo, ouvi a seguinte frase: “isso não é um trabalho científico, mocinha. Olhe, você é mulher, negra e gorda, se quiser ir pra frente, vai precisar estudar muito”. Situações como essa, em que o racismo age nas entrelinhas das relações sociais, representam barreiras violentas nos espaços da academia que produzem no

indivíduo a impressão de “não lugar”, como nos diz, Grada Kilomba:

Em meio ao racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos ‘fora do lugar’ e, além disso: corpos que jamais poderão pertencer a algum lugar. Corpos brancos, ao contrário, são corpos sempre próprios, são sempre em casa, ‘no lugar’, corpos que sempre pertencem ao lugar. (KILOMBA, 2016, p. 07).

Dentre os impactos sofridos durante o período da graduação, momentos de sofrimento marcaram essa trajetória, mas também muitas realizações e experiências inspiradoras, dentre elas, relembro com satisfação a oportunidade de fazer parte de um empreendimento intitulado: Projeto Portas e Mentis Abertas (POMPA) do Instituto Cultural Steve Biko, projeto que tinha como objetivo formar lideranças negras/os. Nesta ocasião tive a brilhante oportunidade de conhecer professores, ativistas, estudantes, instituições que me direcionaram e me instrumentalizaram com conhecimentos importantes e necessários para o enfrentamento do racismo. Neste caminho concluí uma das minhas grandes conquistas, a graduação, um passo a mais nessa trajetória profissional.

Ser profissional

Ser Assistente Social representava naquele momento uma conquista importante para a efetivação daquele projeto profissional que seria o caminho para a realização pessoal, familiar e comunitária. Revisitando meu currículo, percebo que essa trajetória foi de muitas realizações, nada muito distante da realidade/ barreiras vivenciadas ao longo da formação, mas agora com outro posicionamento político e um redirecionamento profissional.

Uma carreira com vasta experiência em áreas diversas como: políticas públicas de habitação, assistência social e políticas para as mulheres. Atuação intensa, comprometida e ética, porém, com muitas limitações que exigiam habilidades políticas necessárias ao desenvolvimento do processo de trabalho. Contudo, vale ressaltar que o racismo institucional esteve presente em toda essa trajetória.

A interlocução dessas experiências com meu projeto profissional revela mais uma vez a forma brusca como tive que adiar o projeto profissional, tendo em vista a prioridade e a necessidade de trabalhar. O enfrentamento das barreiras na trajetória profissional fez-se presente, porém, sempre com empenho e estudos que me possibilitaram adquirir habilidades importantes para uma ascensão social e econômica, embora recorrentemente dificultadas pela força do racismo.

Foram muitas as situações vividas, porém, vou trazer uma das mais recentes, em minha última atividade profissional, quando uma gestora, incomodada com minha atuação, disse: “Você pensa demais, a partir de agora vai pensar menos, entendeu?”. Claro que esta postura da gestora, já não era algo desconhecido em minha trajetória, porém, a cada nova atitude, o sentimento de dor e a consciência de que a cada passo para frente, se fazia necessário outro para trás, ou seja, para as negras/os o projeto profissional tem uma dimensão cada vez mais longínqua pelas barreiras que o racismo constrói.

E se este projeto for de uma mulher negra que almeja ser uma profissional da “mente”, precisará estar preparada para enfrentar tais situações. Como no nos afirma Bell Hooks (1995, p. 468): “Na verdade dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente”.

Neste percurso profissional fui muito feliz em minhas atuações empreendedoras, junto a organizações não governamentais, através de consultorias em elaboração, execução e avaliação de projetos sociais, realização de atividades comunitárias, mobilização e organização de grupos de mulheres etc., muitas vezes trabalhos voluntários, mas que me permitiam e permitem me realizar profissionalmente e explorar as competências teóricas, metodológicas com maior amplitude.

Vale lembrar que o projeto construído durante a graduação vislumbrava a atuação profissional, conjuntamente com a formação continuada com as próximas titulações, já que o sonho maior continuava sendo tornar-me professora universitária. Neste período, posso pontuar conquistas como: a conclusão de uma

pós-graduação e ter lecionado algumas disciplinas em Serviço Social como especialista.

E depois de anos de preparação para conquistar mais um degrau deste tão difícil projeto profissional, encontro-me no momento atual em um processo de superação de um bloqueio causado pelo contínuo e violento discurso racista da academia, agora na voz de uma docente que diz: “não quero dizer que aqui não seja seu lugar, mas para estar aqui terá que correr muito atrás”. Este bloqueio ao qual me refiro é o que Bell Hooks, aponta como consequência do racismo.

Esses conflitos parecem particularmente agudos para as negras que também têm de lutar contra aqueles estereótipos racistas/sexistas que o tempo todo levam (outros/e até nós mesmos) a questionar se somos ou não competentes, se somos capazes de excelência intelectual. (HOOKS, 1995, p. 472).

Como venho ao longo do tempo superando muitos bloqueios, este texto representa uma forma de resistência a esta academia racista, bem como, a reafirmação deste projeto profissional que continuará em andamento até que seja totalmente implementado, ou seja, os limites são dados por mim e não por quem quer que seja. E concluo ainda nas palavras de Hooks (1995, p.475): “Muitas vezes não podemos procurar nos lugares tradicionais o reconhecimento de nosso valor, temos a responsabilidade de buscá-lo fora e até criar diferentes locações”. Neste sentido, continuarei seguindo e revivendo minhas memórias como elemento de fortalecimento desta trajetória de vida. Para o/a opressor, tão somente respondo que, tal qual nos ensina Maya Angelou (GELEDÉS, 2018), nem a discriminação, os ombros caídos, olhos baixos e lágrimas derramadas diante de suas palavras cruéis serão capazes de me fazer desistir: EU ME LEVANTO!!!

Referências

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória, experiências e narrativas. Porto Alegre: Iliminuras, 2011.

DELGADO, Josimara. Velhice, corpo e narrativa. Porto Alegre: ano 16, n.34, p. 189-212, jul/dez. 2010.

